

A MARGEM...

(Carta a uma senhora)

Dá-me V. Excia. a agradável notícia de ter sido lembrado o meu obscuro nome pelo sr. Dr. Alfredo Pujol, na conferência literária que este ilustre homem de letras realizou em Campinas, no "Grêmio Comercial", em a noite de 3 do corrente mês de abril.

Aceito humildemente os seus generosos parabéns, minha senhora, e recolho ao fundo do meu coração agradecido as suas preciosas palavras, como quem recolhe a um cofre insignificante, pérolas de inestimável valor.

Ignoro o que a meu respeito disse o notável conferente, à propósito, dessa sublime tolice que se chama lirismo. Vejo também pelo "Diário de Campinas", por V. Excia. bondosamente a mim remetido, que, com efeitos, me se simpático certame literário apareceu o nome deste seu atencioso criado.

Se o sr. Dr. Pujol disse muito ou pouco com referência a esse nome, se disse bem, ou mal, não sei. Aventurou alguma coisa perante o seu seletto, auditório, e isto, com relação a mim que me considero inteiramente esquecido, é consolador, e põe-me na alma o dever imperioso de me confessar muitíssimo grato a tamanha fineza.

O trecho da preciosa missiva de V. Excia. em que me diz, com infinita graça, que eu ainda vivo, pelo menos na memória de alguns amigos piedosos, é digno do que eu fiz num acesso de deliciosa fraqueza: umedecei-o com uma lágrima, depois de tê-lo lido, e beijei-o depois de tê-lo umedeceido.

Que é certo que eu ainda não morri de to

do, considerado como simples entidade literária, é; isto graças às almas generosas e bem intencionadas como a de V. Excia. e como a de meu prezado amigo autor da conferência.

Que fiz eu outrora? Jornais e propagandas, procurando educar o povo rebelde. Que faço presentemente? Trabalho por educar crianças que serão um dia arrimos desta mísera mãe-pátria, por demais lacerada por fariseus e abutres tão impiedosos quanto implacáveis.

Pelo que, diz respeito a versos, os fiz e ainda os faço, senão com a mesma abundância, pelo menos com mais sinceridade e mais pungente filosofia: talvez um pouco menos líricos, talvez um pouco mais satânicos, como produtos do tempo em que vivo e do meio em que me movo.

Não se assuste V. Excia., e nem se enfada. Eu bem sei que estas tiradas de caráter íntimo pessoal, simples lamúrias subjetivas enfastiam, por via de regra, a quem as lê, e contudo na ocasião não posso fugir ao defeito.

Antes isto, porém, do que falar mal da vida alheia, não é verdade?

Eu estou à margem do caminho comodamente sentado, vendo passar o curioso bando dos vencedores e dos vencidos da vida. Que maravilhosa variedade de fisionomias e de caracteres!

Vejo coisas pitorescas, e vejo coisas monstruosas: a comédia mais desbragada aliada à tragédia mais cruenta: carnaval de mistura com funerais, volantis políticos dançando na corda bamba de suas opiniões insensatas, o deslocamento do espírito de justiça

à força de audacias inconfessáveis; a estupenda inversão das posições sociais.

Aqui, a grita estridente das orgias de toda a espécie; o "evoé" retumbante das bacanais que pas sam; além, o brado soluçante - "delenda est Cartago" dos que choram sôbre as ruínas, mais ou menos imaginárias, da pátria, e mais ou menos verídicas das consciências.

O oceano agita-se.

Trava-se a luta tremenda por amor da vi da: os mártires do coração e da idéia espatifam-se de en contro a abrolhos, enquanto os perversos e os inconscien tes são levados em triunfo no dorso da onda mansa que os ventos do destino insuflam!

Burlesco, e ao mesmo tempo sinistro!

Todavia, dizem otimistas, grandes indus triais da política, que se fez há pouco uma grande nesga azul no escuro firmamento de nossa pátria.

V. Excia. enxerga? Pois nem eu. O que eu vejo de mais claro na mesma escuridão são estes dois problemas negros - a baixa do câmbio e a baixa do ca fé, não obstante a famosa convenção de Londres...

Mas isso que importa? Temos o "funding" pela frente, e isto salva-nos de todas as misérias pos síveis.

O "funding", minha senhora, é a última palavra de moderna medicina político-financeira.

S. Excia. o sr. Presidente sobe para Pe trópolis, desce de Petrópolis, torna a subir e torna a descer, e por fim procura um refúgio no belo e poético re tiro do Silvestre. Lirismo? Não creio. S. Excia. foge do

calor e da febre amarela, como de dois inimigos traiçoeiros... Então, que mal faz?

Convenhamos nisto: é de mistér que S.Excia. procure acautelar a vida, por amor desse mesmo "funding", com inteira aprovação dos srs. Rottschilds, nossos bons patronos.

Nada mais justo.

Se a vida do Sr. Presidente periclitasse, que seria de nós, Deus da Misericórdia?

É precisamente por isso que eu não contesto a tal nesga azul. Daqui a pouco veremos surgir por completo, o clarão da aurora das felicidades perenes; deusa coroadada de rosas, conduzida galantemente pela mão aristocrática do deus - milhão!...

Há um forte cheiro de alegria no ar; um tom de felicidades futuras nas coisas. Parodiando o célebre autor do "Le Roi s'amuse", pode-se afirmar, por amor da tranquilidade geral, que o sr. Presidente se diverte. O momento atual é de vertigens e de expansões. Todos folgam e todos sentem o poderoso deslumbramento das expectativas simpáticas.

As manifestações sucedem-se, o champanhe estoura, e a vida atual, entre nós, resume-se, decididamente, nesta eloquente frase - o banquete!

Parece que os ilustres palinuros incumbidos de nos conduzir ao desejado porto de salvação, adotaram como divisa principal de govêrno estes belos versos do grande Delavigne:

"Tout se fait en dinant, dans le siècle

où nous sommes,

E c'est par les diners qu'on gouverne les hommes."

A ordem é comer e beber; folgar, passear, criar um novo ideal de democracia mais engravatado e menos rústico, de mãos finas, enluvadas, claqué e casaca, sem o píffio barrete frígio que nada tem de elegante nuns tempos em que mui jeitosamente se procura substituir o "saúde e fraternidade" da nossa jovem República pelo imponente - "ave, Cesar", em determinados casos, para que na democracia haja uma certa distinção entre a "plebe" e "poder".

E o povo, minha senhora, vai gostando muito disto, e vai pagando o impôsto com a melhor cara dewte mundo, num grande delírio de falsas alegrias, como quem quer apagar assim mágnas que não se confessam.

Os povos como os indivíduos estão sujeitos a estas violentas crises d'alma, determinadas pela força insuperável da própria natureza, que é uma coisa, ao fim de contas, que nem toda a sabedoria humana pode explicar.

As grandes explosões de alegria, como as grandes revoluções cruentas são, em meu modo de ver, uma espécie de loucura, e a loucura de V. Excia. me permite a ousadia, é o excesso da própria razão, definição esta que eu adcto para meu uso particular.

Queira V. Excia. reparar: a multidão dos triunfadores do dia vai passando... Ouvem-se charangas e rufos de tambores. Passam os coribantes e os heróis da República, muitos deles ocultando ainda, a toda a pressa, nos bolsos, arrancando-as dos peitos, as insígnias com que se adornavam nos tempos da monarquia.

Entre esses falsos combatentes da democracia notam-se os verdadeiros lutadores, os que se esforçam seriamente pela vitoria de uma causa justa e nobre.

Entre os mais populares e festivos, entre os que mais rosas desfolharam sôbre a fronte gloriosa da Pátria, falta um.

Onde estará?

No côro entoado pelos felizes e satisfeitos, não mais se ouve a voz dele, aquela voz forte, estentórica que se fazia ouvir mais que de uma legião inteira!

Que é feito desse amigo de todos nós, o bravo general cujo nome vive na memória de todos?

Eis o que, minha senhora, às auras que passam pergunto eu, lírico aposentado, emergindo do fundo lago das minhas meditações.

Que é dele, o velho batalhador, aquele cujo aceno movia incondicionalmente vinte brigadas? (1)

Eu e V. Excia. o vimos no fastígio do poder, astro de primeira grandeza, pujante como Danton, a projetar luz sôbre as dificuldades mais escuras dos públicos negócios.

---

(1) (Alude a Francisco Glicério, retirado da cena política por algum tempo).

Na rua era um ídolo; no parlamento pensava e falava por todos; nas reuniões um superior, nas decisões um árbitro supremo, nos gabinetes ministeriais um ditador, e até diziam (de tão poderoso que foi), que, neste país de surpresas "feéricas", ele chegou a ser o presidente... do próprio presidente!

Era, em suma, um popular, em toda a extensão do termo. Um feliz.

E entretanto, súbitamente, vejo desaparecer o astro e pergunto assombrado "onde está o homem?"

A pérfida vaga dos acontecimentos da vida o arremessou ao âmbito acanhado de um simples escritório de advogado do interior.

Tal é o destino das pobres criaturas neste falso planeta, onde dominam as ilusões e os engodos.

Vê V. Excia? Os ídolos de ontem são os apedrejados de hoje; Ícaros de todas as épocas que rolaram das alturas dos seus triunfos, ao chão poeirento das mais negras vicissitudes da sorte. Eles que digam, se ainda lhes resta vida, que valor tem a glória.

Quando eu os vejo desfilar diante de mim, fantasmas do poder, quer se chamem Cesar ou Rei-Sol, Carlos V ou Luís XVI, Carlos I ou Cromwell, Pombal ou Robespierre, Napolêão, o Grande, e até mesmo esses dois farsistas que se chamaram - Napoléon - "le petit" e General Boulanger, sinto-me tomado de mágoa pelas caras desconsoladas que todos eles naturalmente apresentaram... após a queda.

Sim, porque eu bem sei que o coração dessa boa gente, vítima de si mesma, ludibrio do destino torceu-se em convulsões medonhas, sangrou, depois das

falsas apoteoses, ao sentir o veneno fatal da ingratidão dos homens.

Peço mil perdões a V. Excia.

A propósito de que veio tudo isto? De uma simples conferência acêrca de lirismo, de poetas, de vida literária neste país.

Que tristeza quando se toca em semelhante assunto!

Começa a gente se lembrar, com pesar, de quem se interessava vivamente por estas coisas, e fazia questão de ver unido ao nome do Brasil político o nome do Brasil literário.

Hoje... O melhor é pararmos aqui. Basta que V. Excia. saiba que, em regra os nossos literatos procuram ocultar, com todo o cuidado, os seus títulos de competência, para não morrerem de vergonha e de fome.

1899.